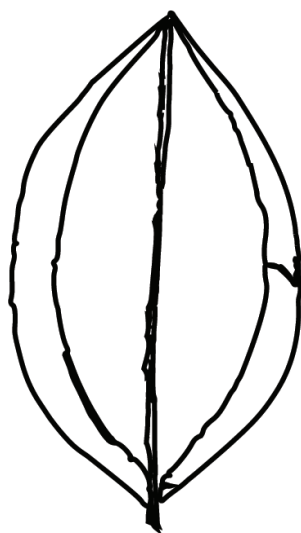


01

HABITAT

Carla Serra





HABITAT

Nota-se

Gabriel Galbiatti Nunes

Victor Prado¹

Escrevemos, aqui, não porque somos escritoras/es, jornalistas, musicistas, pedreiras/os, jardineiras/os, cuidadoras/es, mães e pais, filhos e filhas ou qualquer outra palavra que possa ser junta-da ao verbo ser – por mais que sejamos essas coisas.

Não escrevemos, também, para manifestar qualidades que se li-guem ao verbo estar – por mais que estejamos tristes, alegres ou raivosos quando, agora ou em outro momento qualquer, ameaçamos um pedaço de papel com uma caneta ou um lápis. Não. Não é para isso que sentamos, juntos, e começamos a escrever essa nota de abertura para esta revista.

A nota – assim como a revista – surge para habitar um outro lugar com nossa escrita. Veja! Percebemos que nossa escrita nasce de outro verbo: escrevemos porque **temos** algo. Algo importantíssimo. Um sonho.

O sonho? Sonhamos com um desvio. Um breve desvio, discreto, como um detalhe percebido num momento de total desatenção. Esse detalhe se torna uma coisinha virulenta, que começa com uma febre fraca e, de repente, nos tira o ar dos pulmões. No nos-so sonho, os desvios são lugares que nos tiram de um futuro as-sustador e de um passado de ruínas e nos fazem habitar lugares menos hostis e mais saudáveis.

No eterno presente desse desvio, vemos a tão sonhada chance de escapar das maldades do tempo que existem no espaço em que

¹ Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado são responsáveis, juntamente com Lígia Sene, pela Artefato Edições.

habitamos. Como temos, em nossos corpos, esse sonho, escrevemos. Impregnado em nós, o sonho nos faz tatear por todos os lados em busca de se realizar, de se tornar real.

É por esse sonho que escrevemos. É por ele que estamos tristes, alegres ou raivosos. É por ele que somos escritoras/es, jornalista-s, musicistas, pedreiras/os, jardineiras/os, cuidadoras/es, mães e pais, filhos e filhas ou qualquer outra coisa. Seja como for, é pelo desejo de habitar esse sonho que fazemos o que fazemos.

Em algum momento, não sabemos bem qual, tivemos a impressão de que esse sonho é coletivo, urgente e está ao nosso alcance. Por isso, nos colocamos, juntos, aqui. Hoje, aprisionados dentro de casa, escrevemos para participar da feitura deste *habitat*, antes impossível e que agora já está aqui, diante de nós.

HABITAT

- 11 De onde será que ela veio?**
*Alicia C. N. Sanchez, Heloisa S. de Freitas,
Isabela Wang e Paula Urbaninho Batista*
- 14 Linhas de fuga**
Álvaro de Souza Maiotti
- 16 Tudo é uma questão de timing**
17 Muralha
Ana Paula Dacota
- 18 Era uma vez um Mundo — um conto para
crianças grandes e pequenas ou uma utopia
pós-apocalíptica**
Ana Paula Lopez
- 22 Reencontros**
Anna Karolina de Sousa Bernardes
- 24 Assustador**
Bárbara Rosa
- 25 Meu filho, um gato mijão**
Bru Pereira
- 27 Desculpa**
Bruna Varga
- 29 Gripe**
Bruno Canabarro

- 33 **Joana, a gorda**
Bruno Costa Moura
- 35 **Até onde a vista alcança, reina aqui o instante**
Bruno Cunha Nascimento
- 37 **Nous, pour nous**
Carlile Max Dominique Cérilia
- 40 **A Rolha**
Danilo Corrêa
- 43 **E para ter contato precisa existir tato?**
Erika Tayna Gonçalves Medeiros
- 45 **Março de dois mil e vinte**
Gabriel Nunes Mota
- 47 **Quarentena**
Guilherme Silva
- 49 **Circo**
Isabela Lovato
- 51 **Poema pré-apocalíptico**
Jefferson Dias
- 53 **Diário da incredulidade.
Diagnósticos e prognósticos**
João Paulo Andrade Dias

- 55 **O Amor**
Joelma Sílvia de Sousa Rodrigues Santos
- 57 **Manual de sobrevivência à primeira
semana de quarentena**
Kaio Phelipe
- 58 **Cansada de estar em todo canto,
mas não pertencer a lugar nenhum**
Kimberly Souza
- 59 **Glossário do fim**
Lara Duarte
- 61 **Mistério pandêmico para um corpo**
Leo Thim
- 64 **Paralisação do Mundo**
Lorena Silva Gomes
- 66 **Não ouse**
Luan Prais
- 68 **Se a saudade existe, persiste**
Marcia Fernandes
- 70 **Casulo**
- 71 **Refluxo**
Maria Goretti Bernardes
- 72 **Mobiliário**
Marília Botelho Soares Dutra Fernandes
- 74 **HAICAIS**
Murilo Petito Cavalcanti

- 76 **me atinge**
 Naiana Mussato Amorim
- 78 **[sem título]**
 Nayen Tenani
- 80 **Às vezes, ando pensando**
 Nicola Lemos
- 81 **Na quarentena, adote uma criança!**
 Paula Coury
- 84 **A Fonte**
85 **Refúgio**
 Rodrigo Luiz Ul
- 86 **Noite**
 Tiago Goes Cardoso
- 88 **Poesia do tempo [ou tempo da poesia]**
 Trinity Sorroche Ribeiro
- 89 **Zedeque**
 Vander André Araújo
- 92 **Pieter Bruegel**
 Victor Prado

HABITAT

De onde será que ela veio?¹²

Alicia C. N. Sanchez

Heloisa S. de Freitas

Isabela Wang

Paula Urbaninho Batista³

Era uma vez, uma criança muito bonita, educada e entediada, ela sonhava em conhecer um mundo novo. Um não, vários! Ela queria uma nova aventura!

Então foi pesquisar como se construía um foguete para visitar os planetas que vira em um mapa de sua mãe. O primeiro planeta em que foi se aventurar não dava para pousar, pois sua superfície era gasosa.

De repente, pela janela do foguete viu uma outra nave, com uma criatura acenando em sua direção, e ouviu-se uma voz saindo do radinho:

— Olá, tudo bem por aí? Você se perdeu de alguém?

¹ [Nota das autoras] Esta história foi pensada a partir de um trabalho da faculdade que visava a inclusão social em sala de aula. Queríamos ensinar a matéria de geografia para crianças de uma forma mais lúdica, então pensamos: o que seria melhor do que uma história infantil?

² [Nota dos editores] O texto em questão não aborda as questões em torno do isolamento social, porém decidimos publicá-lo nesta edição da Habitat por enxergar nele uma leitura viável de ser compartilhada por mães & pais e suas crianças durante este período de confinamento.

³ Alicia C. N. Sanchez, Heloisa S. de Freitas, Isabela Wang e Paula Urbaninho Batista são discentes do curso de Pedagogia pela UNESP.

— Não me perdi de ninguém não, mas não faço ideia de onde estou! — respondeu a criança.

A criatura fez uma cara tão confusa, coitada, então só restou à criança explicar de onde veio e como chegou até ali.

— Ah! Pois bem, se é aventura que você procura, acho que eu posso te ajudar, vivo por aqui há muito tempo, posso te mostrar as redondezas... — disse a criatura — Este planeta onde estamos é Netuno, ele é 17x maior do que o planeta Terra, que é de onde você vem, aqui é bem frio e escuro porque é o último planeta do sistema solar. — A criança então afirmou:

— Está muito frio mesmo!!!

— Vamos em direção ao sol agora — disse a criatura.

O próximo planeta que chegaram foi Urano, que também tinha uma superfície gasosa, mas o núcleo dele era feito de rochas e gelo, e em sua volta havia alguns anéis de poeira.

— Que planeta bonito, tem mais? — perguntou a criança.

Então a criatura levou-a direto para Saturno. A criança achou muito legal os anéis luminosos que ele tinha, a criatura explicou que eram formados principalmente de gelo e poeira. Decidiram fazer uma parada mais longa por ali, brincaram nos anéis desse planeta e observaram as 53 luas diferentes que existiam por lá. Depois de um tempo explorando Saturno, a criatura sugeriu que fossem ver o maior planeta do Sistema Solar, e o último gigante gasoso, Júpiter. Quando chegaram lá, a criança não acreditou no planeta que estava na sua frente. Não conseguiram chegar muito perto, pois ele tinha uma temperatura muito alta, por isso o observaram de longe e brincaram de contar as luas, contaram 67 ao todo. Após a brincadeira, partiram para a próxima descoberta,

chegaram à Marte. A criança reconheceu aquele planeta rapidamente, e falou para a criatura:

— Eu ouço falar bastante desse planeta lá na Terra, e também consigo vê-lo a olho nu de onde moro, era uma das minhas coisas preferidas de fazer.

Depois de tanto tempo, começaram a se sentir cansados, resolveram fazer uma pausa para um piquenique e para uma sonequinha. Após estarem satisfeitos e cheios de energia, passaram direto pela Terra com a promessa da criança:

— Depois, na volta, eu vou te mostrar meu planeta!!!

Foram direto para Vênus, o segundo planeta do Sistema Solar a partir do Sol e o mais próximo do planeta Terra, perceberam que ele brilhava lindamente pelo céu. E para completar sua viagem, chegaram então à Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol, e também, o menor do Sistema Solar, mas lá era tão quente, tão quente, que a criança ficou com sede. E a criatura disse:

— Vamos voltar para o seu planeta! O único com água em estado líquido.

Depois de tantas aventuras, chegou a hora de voltar para casa.

— Adorei a nossa aventura, mas preciso ir!!! Foi um grande prazer conhecê-lo, disse a criatura.

E só depois que ela partiu, a criança se lembrou da pergunta: de onde será que ela veio?

Olhou para seu colo e encontrou um bilhete! Nele estava escrito:

Espero que da próxima vez em que viajarmos juntas você possa vir conhecer minha casa, que fica em Plutão. Ele agora é apenas um planeta anão, mas é tão belo quanto todos os outros que fomos visitar! Um abraço, e até mais!

Linhas de fuga

Álvaro de Souza Maiotti⁴

Linhas de fuga.

É isso.

Linhas de fuga.

Não sei ao certo de que modo Gilles Deleuze e Félix Guattari desenvolveram esse conceito em suas obras, mas eles não se importariam em me emprestar por instantes ao menos alguns matizes dessa concepção. Eles nunca pretenderam estabelecer uma escola de pensamento que viesse a lhes interpretar, *post mortem*, de maneira exegética. Creio até que, se estivessem vivos, eles me diriam: “ — De que maneira esse conceito funciona em seu mecanismo? Quais os fluxos ou cortes de fluxos podem ser estabelecidos entre vocês?”. Eles fariam essas perguntas por uma razão muito simples: somos máquinas. Máquinas desejan-tes! Maquinar é a atividade própria da máquina. É possível maquinar linhas de fuga diversas: linhas que vão de si para si, de si para o outro. De si para o mundo. Linhas de fuga revolucionárias. Essa é uma atividade que requer doses de sobriedade e embriaguez. Sobriedade para traçar estratégias, estabelecer distanciamentos e

⁴ Álvaro de Souza Maiotti é especialista em Educação e Tecnologias: Design Instrucional (Projeto e Desenho Pedagógico) (UFSCar - 2019), Sociologia para o Ensino Médio (UnB - 2019) e Ensino de Filosofia (UFMS - 2018). Licenciado em Pedagogia (UAM - 2017) e em Filosofia (Unifal - 2013). Artista plástico e músico amador, atua como Professor de Educação Básica II na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2013. Idealizador do Blog "O Saber Inútil".

contiguidades, tangenciar curvas, dobrar obstáculos. Embriaguez para caminhar enquanto muitos correm, para escutar enquanto muitos falam, para silenciar enquanto muitos gritam. Uma vez em movimento, Deleuze e Guattari nos diriam que essas linhas de fuga podem nos sujeitar a acontecimentos cuja experiência dependerá de uma série de agenciamentos: você aqui, comigo, nesse texto. É um acontecimento das linhas de fuga que maquinei. E talvez das suas também. E que só foi possível em função de uma série de agenciamentos. Ou circunstâncias. Poderia não ter acontecido, mas aconteceu. Já que está por aqui, proveito para perguntar: quais são suas linhas de fuga?

Tudo é uma questão de timing

*Ana Paula Dacota*⁵

Meu amor, que pena
A gente terminou antes
da quarentena
Agora estou aqui
Lembrando tudo
o que vivi
Cada um isolado, por si,
em seu apartamento

E não adianta me ligar
Não adianta chamar
Em solidão espero
esse vírus passar.
Vamos viver assim:
cada um com seu tormento.

⁵ Ana Paula Dacota nasceu em 1974 em Belo Horizonte (MG). É Mestranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (linha IV, Estudos em Edição). É Bacharela em Letras também pelo CEFET-MG. Pesquisa pequenas editoras, edição e literatura. Publicou na Revista Chama n.2 e tem participado de antologias. Publicou poemas e crônicas no Jornal do CEFET-MG, colaborou como colunista no Jornal Boca da Mata, de Carmo do Cajuru (MG). Tem feito incursões nas artes visuais e produz videopoemas. Publicou o livro Perfume atrás da orelha, de poemas, em dezembro de 2019, pela Editora Scriptum.

Muralha

Ana Paula Dacota

tantas coisas ficaram insignificantes
ou já eram tão pequenas
antes do distanciamento social
só tomaram a dimensão real
diante da muralha do confinamento.

ainda que o vírus mortal não nos mate
o tédio que nos consome pouco a pouco
mata todas as insignificâncias
quando a muralha do isolamento cair
terei ânsias de aproveitar a liberdade confiscada

(tantas coisas a fazer que nem saberei o que fazer primeiro...)

Era uma vez um Mundo — um conto para crianças grandes e pequenas ou uma utopia pós-apocalíptica

*Ana Paula Lopez*⁶

Era uma vez um mundo muito bonito, mas as pessoas que viviam nele estavam perdidas. Elas só pensavam em ganhar dinheiro para comprar coisas. Outras queriam ter poder sobre essas pessoas que queriam ter coisas. E todas essas coisas rapidamente deixavam de ser agradáveis e eram jogadas no lixo. E o lixo foi contaminando tudo: os rios, os oceanos, as ruas, os desertos, as florestas. Esses homens que queriam ter poder também queriam explorar as florestas. Então eles desmatavam tudo, matavam os animais e destruíam a natureza com a mineração, jogando bilhões de litros de dejetos de minérios pesados que afogavam e arrastavam milhares de animais, árvores, pessoas, casas, prédios. E nada lhes acontecia. Os homens poderosos continuavam soltos, após matar milhares de vidas e poluir os rios. E as pessoas seguiam cegas, trabalhando loucamente, sem pensar em mais nada além de ganhar dinheiro. E os presidentes tornaram-se loucos, que só pensavam no lucro e nunca nas pessoas. Esse mundo virou um verdadeiro inferno, porque as pessoas se esqueceram que elas eram natureza e que precisavam dela, muito mais do que dinheiro. Esqueceram que elas eram uma comunidade e precisavam até mais umas das outras do que do dinheiro. Até que um dia um ser

⁶ Ana Paula Lopez tem 41 anos, atriz, bailarina, palhaça e diretora de movimento de espetáculos de teatro. Há anos tem escrito e guardado na gaveta. Com a quarentena e com seus quarentas, resolveu sair da gaveta, ler e mostrar para todos suas caraminholas.

muito pequenino às acordou. Um ser minúsculo, que nem pode ser visto com lupa, um ser nano, um vírus fez todo mundo ficar com medo, muito medo. Esse vírus foi se espalhando pelo mundo e matando principalmente as pessoas mais velhas. E por ser muito contagioso, a única solução era as pessoas ficarem dentro de suas casas, sem sair pra nada, só se estivessem muito doentes elas podiam ir ao hospital.

Foi então que o mundo parou.

Ninguém mais foi ao trabalho

Ninguém mais foi pra balada

Ninguém foi a lugar nenhum, para o vírus não se espalhar.

E algo muito incrível aconteceu.

Os homens poderosos perderam seu poder, porque as pessoas perceberam que eram elas que lhes davam poder através do seu trabalho, do seu dinheiro e do seu tempo. E como elas não davam mais o seu tempo para esses homens poderosos, elas podiam dar atenção aos seus filhos, às suas famílias, para si mesmos. As pessoas pararam para não espalhar o vírus, porque perceberam que a vida delas e das pessoas mais velhas era mais importantes do que o dinheiro. E passaram a se ajudar virtualmente, dando aulas, comprando alimentos umas para as outras, cantando nas janelas para outras dançarem em suas casas. E foi aí que perceberam que a arte vale mais do que o dinheiro porque era uma manifestação humana e de afeto. Os livros e filmes que assistiram em casa, valiam mais do que a bolsa de valores. E com a falta que sentiam uns dos outros, pelo isolamento, perceberam como é importante a companhia de alguém, mais do que ter um carro novo. E os médicos, enfermeiros, técnicos, faxineiros e garis, tornaram-se heróis. Muitos deles morreram por cuidar de quem precisava.

E não vou lhes enganar. Muita gente neste mundo morreu. E todos ficaram muito tristes por isso. E ao mesmo tempo tinham a esperança que tudo acabaria bem.

E esta situação durou meses. Quem era poderoso tornou-se ninguém. Quem era desconhecido tornou-se um alguém por ajudar as outras pessoas em troca de nada. E uma rede poderosa de ajuda tornou-se mais importante que o dinheiro, que sumiu, desapareceu.

No lugar dele ficaram as trocas e as ajudas desinteressadas. Foi mesmo impressionante como os seres humanos aprenderam tantas coisas com esse ser tão pequenino que é o vírus.

A natureza, essa ficou exuberante. O planeta que estava super aquecendo e entraria em colapso em poucos meses, foi salvo pelo vírus. Porque antes, os homens poderosos não queriam ouvir nada, nem ninguém, muito menos a súplica de crianças que participavam em eventos, pedindo para os adultos pararem, para salvar o seu futuro. Graças ao vírus, o futuro dessas crianças foi salvo. Golfinhos voltaram a nadar nos canais de Veneza, finalmente limpos. As florestas voltaram a crescer, tudo ficou lindo e limpo e os animais se multiplicaram!

O ser humano percebeu que ele não é o centro do universo e que não faz falta para o planeta. Ele é que precisa do planeta... aprendeu a ser humilde.

Os meses passaram, os anos passaram, as décadas passaram e os seres humanos continuaram em suas casas. E nas ruas as árvores cresceram derrubando calçadas, quebrando o asfalto e da janela, os seres humanos viram um lindo jardim e se emocionaram: florestas belíssimas se ergueram e estamos assim até hoje. Eu era criança quando o vírus chegou. Eu já era adolescente quando o vírus foi embora e todos nós decidimos não sair mais. Ficamos

em nossos quadrados, trabalhando e permitindo que a vida aconteça lá fora. O mundo todo parou e nunca mais quis voltar a correr. O dinheiro não existe há décadas e conseqüentemente os poderosos também não existem mais. Agora somos todos iguais. E continuamos nos ajudando. Nossos heróis são os médicos, os cientistas, os agricultores, os professores e os artistas. Nós lemos muitos livros, estudamos línguas, dançamos, aprendemos música, pedimos comida, tudo online. A tecnologia finalmente se tornou uma ferramenta para nosso aperfeiçoamento enquanto espécie e não mais um aprisionamento alienante. Agora é primeiro a natureza, os seres humanos e depois o trabalho e os bens. Todos dividem tudo. Todos trabalham para todos. Todos os dias, quando o sol se põe, todos se olham por suas janelas, ouvem as cigarras e pássaros em suas sinfonias e cantam, um só canto de gratidão. Olhamos a beleza do mundo pelas nossas janelas e nos maravilhamos como os bebês. Enfim nos tornamos seres-humanos. Tenho 42 anos, e me sinto mais feliz agora do que quando era criança. Nesse momento tem uma arara pousada na minha janela e ouço um Tucano cantando alí perto do que antigamente era o metrô Ana Rosa. O Rio Tietê tem até boto cor - de - rosa.

Reencontros

Anna Karolina de Sousa Bernardes⁷

Quando você é obrigado a ficar em casa, sem contato com o outro, sem poder ir trabalhar, assistir suas aulas ou ir à academia, coisas estranhas acontecem. Nunca passamos por isso, nunca dormimos e acordamos com palavras como “quarentena” “isolamento social” e “#fiqueemcasa”. Eu tive algumas fases: negação, raiva, tristeza, aceitação. O primeiro impulso foi negar e acreditar que tudo não passava de um alarde e que ficaria tudo bem. Depois que as aulas foram canceladas veio a raiva, e isso porque não estamos acostumados a perder o controle das coisas e ver todos os planos que construímos serem esmagados por um vírus. A tristeza está chegando agora e é como se eu estivesse atravessando uma ponte: de um lado a melancolia e do outro a aceitação. É triste ficar longe de quem você ama, é triste passar o dia todo na frente de uma tela porque você precisa trabalhar mais do que nunca. É triste olhar pra sua agenda e ver tudo aquilo bagunçado, sem saber quando o calendário voltará ao normal e a semana passará a ter só um domingo outra vez. Enfim, a última fase: aceitação. É preciso aceitar que não temos o controle, que não é só sobre nós ou sua família, mas sobre a família do outro. O mundo não está acostumado a parar. Eu não estou acostumada a parar, e talvez seja por isso que os dias tenham se tornado uma mistura de reflexão, muita

⁷ Anna Karolina de Sousa Bernardes tem 21 anos e é estudante de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora de Português como Língua Adicional e nas horas vagas lê o máximo de livros possíveis, ao mesmo tempo que tenta escrever os seus próprios textos.

netflix, livros e café. E sim, deveria ter um exercício físico nessa lista, mas a gente liga o som e dança quando pode. No meio de tudo isso veio o reencontro com a escrita e é por isso que eu estou aqui. Olhando os livros da minha biblioteca, encontrei um livro comprado há anos, quando eu era uma adolescente corajosa, que sonhava em ser escritora. O marca página ainda estava no mesmo lugar, onde parei há tanto tempo, e isso diz tanta coisa. Comecei a me perguntar o porquê de ter desistido do livro, do sonho e de escrever, mesmo isso sendo uma coisa que as pessoas sempre diziam que eu era boa e que aquecia meu coração. Eu comecei a ler o livro de novo e palavra por palavra aquela vozinha dentro de mim que me mandava sentar e escrever ficava mais forte. Acabei o livro agora, nesse exato momento, e vim escrever esse texto. Há 15 dias atrás eu só conseguia ver o pior lado de tudo isso, mas hoje eu consigo ver a luz e entender que nesse processo somos nós que temos o poder de fazer desses dias encontros e reencontros com aquilo que é importante pra gente. Talvez você queira só ficar deitado na cama assistindo uma série e tá tudo bem também, você só precisa se conectar com você mesmo de alguma forma, para encontrar formas de ser forte e passarmos por isso.

Assustador

*Bárbara Rosa*⁸

O fim do mundo se aproxima e a única coisa que eu sei fazer é beber chá gelado e comer bolacha recheada. Quarentena: ficar deitada, olhando para o teto. Eu não sei o que eu te falo. Às vezes, eu finjo que eu sou o protagonista do livro ‘Estrangeiro’ de Camus, para aguentar a minha existência. O pior não é morrer, é ver as pessoas que a gente ama partir. Não posso morrer agora, eu nem sei quem eu sou. Vou continuar me procurando nas palavras. O mundo ficou mais silencioso e vazio lá fora. Mas, aqui dentro todos têm gritado descabelados. Dá uma olhadinha no seu Instagram e a única coisa que verá é o caos. Está faltando cor essa semana. Alguém faz poesia quando tem uma arma apontada para cabeça? Ninguém será o mesmo, depois disso tudo. Esse fato não é nada poético. O medo está no ar. Se eu pudesse eu enlouquecia.

⁸ Bárbara Rosa tem 28 anos, é graduada e mestre em Serviço Social pela UNESP. Publicou crônicas no jornal Diário Verdade da cidade de Franca/SP. Foi finalista do concurso Nascente USP, em 2018.

Meu filho, um gato mijão

*Bru Pereira*⁹

é, lacan, é como você disse, o que me move, muito mais que o desejo de sonhar, é o desejo de despertar. o enfim abrir dos olhos depois dos passeios de nós mesmas por entre as terras do dentro de nós. sabe aquele momento de alívio, de poder descansar com os olhos abertos enquanto contemplamos a aventura que acabamos de viver. ofegantes. e esfregando uma mão no peito para tentar dar algum conforto.

eu sou do tipo que não gosta de lembrar dos sonhos. mas vira-e-mexe sou acometida desse mal. e ainda incerta se estou mesmo desperta, sinto necessidade de contar o sonho por aí. para ter certeza de que não continuo a sonhá-lo acordada em algum pedacinho de dentro de mim. deus me livre de sonhar acordada também.

esse foi um daqueles sonhos de garota apaixonada. apaixonada em segredo. ou em quase-segredo, já que não sou muito dada a guardar os segredos de mim. começou comigo esperando por ele. sentada no corredor. ela estava ali esperando por ele também. ambas com um filho dele. ela tinha uma criança, dessas bem bonitinhas e inteligentes. uma gracinha. eu, acompanhada de um gato, esperto também, como todo gato. e sim, meu filho era um gato.

e não só. meu filho, o gato, apenas mijava. mijava pra tudo quanto é lado. enquanto eu, a mãe, ficava indo para lá e para cá, limpando

⁹ Bru Pereira é antropóloga, trans/feminista, costuma trabalhar com os modos pelos quais o gênero se torna uma questão de interesse na vida das pessoas, e escreve de tempos em tempos.

o mijó dele. pedindo desculpa. envergonhada pelos maus modos da criatura. me culpando por não poder ter tido um filho como qualquer outro.

quando meu filho, o gato mijão, enfim parava de mijar, eu conversava com ela sobre a maternidade. sempre com medo de que a qualquer instante. breve. ela me denunciasse que meu filho não passava de um gato que mija. mas não.

continuávamos no corredor esperando por ele. cada uma com seu filho. até que a mãe dela apareceu. e logo depois, ele também. e ali no corredor estávamos todos conversando até que ela com seu filho que não era um gato conta que os Homens iriam pescar no dia seguinte. e olhando pra mim, me perguntou se eu não iria com Eles. todos riram. e eu despertei.

constrangida.

de um sonho do qual continuo tendo que despertar. mesmo acordada.

Desculpa

*Bruna Varga*¹⁰

Eu não costumo dormir com homens. E quando digo dormir não é nenhum eufemismo pra Trepar. Foder. Comer. Transar.

Eu dormi com um uma vez. Depois de uma trepada com toda performance: gemido alto, gostosa sussurrado no ouvido e oral no chão. Ele morava longe, fica aí, amanhã faço um café. Acordei com todas as paredes do apartamento pixadas em letras garrafais e rosa neon: **DESCULPA**.

Eu fiz uma lista de todos os xingamentos falocêntricos que minha linguagem comporta, mas cheguei na síntese do caralho. Tem coisa que nem cândida tira. Tem mancha que só pintando de novo. Chamei todas as vizinhas, colegas de trabalho, professoras, tias e minha vó. São momentos que unem a gente.

Agora que meu apartamento é laranja pastel ninguém pixa mais.

Desde essa ocasião não durmo com nenhum. Semana passada lavando a louça vi que a taça do vinho estava com uma coisa que não saia de jeito nenhum. Uma letra S feita com batom. Tem loucura que eu não questiono deixei passar e de molho.

¹⁰ Bruna Varga é licenciada em teatro pela Faculdade Paulista de Artes (2020), estudante de dramaturgia na SP Escola de Teatro. Formada em atuação pelo Teatro Escola Macunaíma. É professora de teatro na instituição Laço de Abraço. Trabalhou com produção audiovisual na Canal Azul Produções Culturais Ltda.

Varrendo a casa no meio da poeira tinha um P-A. Porra, Flavio. Um tetrax perfeito da palavra desculpa. Por baixo dos móveis não desculpo nadinha. Transei com Flavio no dia anterior. Fofó, sensível, não bato na bunda de mulher nem se ela pedir. Uma gracinha de menino.

Saí pra comprar cigarro, acordando comigo mesma algum contrato de normalidade. Todos os homens que eu via, que cruzavam comigo, que vendiam pão estavam com uma letra enorme tatuada na testa. Compondo desculpas.

Voltei pra casa sem cigarro. Pelo buraco da porta não parava de chegar correspondência. Cartas enormes se desculpendo. De remetente: meu melhor amigo, meu professor do ensino médio, meu vizinho do andar de cima.

No almoço de família, as batatas que meu pai preparou se organizaram de uma forma espontânea. Desculpa nos palitos fritos. A versão smile se virou de cabeça pra baixo.

O presidente no discurso pra ONU:

Desculpa, desculpa, desculpa. Ele se esforçou pra sair outra coisa mas só a desculpa foi possível.

Já é o terceiro dia que não saio de casa, eu, trinta metros quadrados, parede laranja pastel e um monte de cara pra desculpar.

Gripe

Bruno Canabarro¹¹

Quero você
mesmo quando fico assim
com cara de menino
que não sabe respirar pelo nariz.
Assoo e assovio ao mesmo tempo
porque não consigo decidir
qual parte do corpo
precisa desaguar primeiro.
Entendo que sozinho
eu não vou conseguir
me curar da fraqueza.
Procuo ajuda.
Procuo ajuda.
Estou sozinho
mas te amo até
na sala de espera.
Hospital em reforma.
Poeira.
Máscaras.

¹¹ Bruno Canabarro é dramaturgo, ator, performer e arte-educador. Formado pela Faculdade Paulista de Artes e pelo Núcleo de Dramaturgia do SESI-British Council, professor de Arte e Leitura na Prefeitura Municipal de São Paulo. É autor de textos como 'Cor de Vermelho Touro', 'Leite de Copo', 'salto vazio_', 'Baby Porcelana', 'Projeto Terra Pátria', 'ABUELA'; entre outros.

Gente olhando estranho
para cada espirro alto meu.
Ouço uma música
que me faz aguardar
com mais calma.
E nada acontece.
E eu me derreto na cadeira
dura
fria
plástica.
Alguns comprimidos
são necessários
e recebo
dois
frascos.
Não devo estar bem.
Penso em você.
Calma.
Ouço uma voz
que me lembra
seu timbre
quando boceja ao telefone.
Estou semi-curado.
Uma parte vai melhorar
nos teus braços.
A outra
com meus olhos
mergulhados nos seus.
Eu começo a melhorar.
Parece.

Olha:
senti seu cheiro agora.
Emprestou sua pele pra
alguém?
Te amo pelo olfato.
Estou bem
e sinto fome.
Agora preciso da sua
presença.
Não me importo com o
tempo
só com a falta
que o
tempo traz.
Tua.
A tua.
Ando pela rua
de mãos vazias.
Solto
não leve.
Solto.
Ainda preciso de remédios.
E meu coração é teu
até enquanto
espero ser atendido
numa farmácia.
E depois das doses
nada homeopáticas
de tantas gotas e pílulas
encontro a cama desarrumada
marcada pelo meu corpo

que dormiu
sozinho
na noite anterior.
Dopado de você na cabeça
adormeço esperando
ainda
te abraçar logo
no instante seguinte
ao sonho.
Porque te amo
até gripado.

Joana, a gorda¹²

*Bruno Costa Moura*¹³

No princípio havia uma gorda, daquelas enormes de gorda, cheias de banhas dependuradas, e ela estava com Deus, e a gorda era Deus. Ela estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ela e a partir de sua banha volumosa, e sem ela nada do que foi feito se fez. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens, dos homens gordos, voluptuosos, cheios de vida e alegres.

Mas a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

E assim o mal surgiu, em forma magra, branca, esquelética e mesquinha. Cheios de suas esquisitices e cinturinhas finas.

A mulher gorda foi deposta do lado de deus, e ao seu lado agora repousa homens magros, esqueléticos, de cabelos loiros encaracola-

¹² Texto inspirado livremente na Bíblia (João. 1:1-10). BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

¹³ Bruno Costa Moura ou Mourona Moura. Não-binária, preta e gorda. Já atuou como arte educadora em algumas instituições culturais, tais como: Bienal de Arte Contemporânea e Festival de Linguagem Eletrônica (FILE). Para além disso, é mestranda e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), onde desenvolveu/desenvolve pesquisas em antropologia da ciência e tecnologia e antropologia pós-humana e pós-social. Tendo se aprofundado nos seguintes temas: ontologias relacionais, controvérsias sociotécnicas, pluriversos e estudos multiespécies.

dos, homens-anjos modelos sem sexo e sem boca, sem estômago e sem gordura.

e os homens gordos foram postos de regime por homens-anjos-magros maus e esqueléticos.

Há quem diga que a mulher gorda voltará. O apocalipse gordo te espreita, cuidado!

Até onde a vista alcança, reina aqui o instante

Bruno Cunha Nascimento¹⁴

acabo de acordar de um sonho.
visto os chinelos,
passo a água no corpo,
escovo os dentes,
preparo o café,
abro o jornal
e logo me arrependo.
estava lá: meu sonho piorado.

a realidade acomete os ânimos, e eu não posso encarar tamanho acovardamento: fecho o jornal e decido voltar à infância.

morávamos ao fundo da casa da minha avó. e a uma quadra da nossa casa havia uma venda. a venda do seu lazo. seu lazo pra mim era o homem mais triste do mundo porque ele nunca sorria. e nunca sorrir é dar as mãos à tristeza. a voz era pouco grave e irregular, cansada e poucas vezes ouvida. fumava sempre um cigarro que tinha o cheiro pior que o cigarro da minha tia. não era fácil entender, mas ele mascava o próprio cigarro: fumo de corda era o chiclete dele, só que sem figurinha ou adesivo de tatuagem, me explicaram.

por trás dos balcões e sobre as prateleiras cobertas pelo pó acumulado ao longo das décadas, havia um pouco de tudo, inclusive

¹⁴ Bruno Cunha Nascimento, nasceu em Franca em 1987, escreve para encontrar resposta para a imensidão de tudo que não sabe. não encontra, por isso continua escrevendo.

o que eu julgava indispensável: bala, pirulito, chiclete, suspiro, bolacha, cocada, salgadinho, álbum de figurinha que dava prêmios. já ganhamos muitos prêmios, meus amigos e eu: dominó, pega vareta, tabuleiro de damas e trilha, mas nunca o fliperama que aparecia enorme no pôster. queríamos o fliperama!

uma cadeira está posta em frente a pia, é ela que me dá a altura que preciso para alcançar a louça - aos oito anos as casas não servem às crianças que querem ser independentes. realizo com rapidez minhas responsabilidades, está a pouco de aparecer na tv o chaves. minha avó assiste de lá, mas acho que ela prefere o chapolin colorado. posso ouvir sua risada. gosto de ouvir sua risada. seu lazo não sorri, será que ele não assistiu ao chaves?

todos os dias ao final do programa ela aparece à janela, vem ter certeza de que está tudo bem. está. às terças e quintas junto dela vem também uma nota de um real. toma, compra duas tic tac de flocos. com o corte preciso, minha avó entrega uma metade pra cada neto. ela deve ter a régua pregada aos olhos, suponho.

agora compreendo: me agarrar aos eventos felizes para fazer chegar mais tarde o que acontece lá fora, foi o que pensei.

Nous, pour nous

*Carlile Max Dominique Cérilia*¹⁵

Par ce moment lourd où nous palpons le temps,
Il nous faut remettre les pendules à l'heure.

La vie n'est qu'une course de gestes
Entre lesquels notre avenir se dessine
Dans la marge blanche de l'infini.

Il a fallu que cet ombre nous l'impose,
De freiner la machine à bêtise.
Il a fallu que ce truc extrême,
Vienne dicter à nos États, de faire,
Ce qu'ils étaient déterminer à ne pas faire.
La paix avec la vie.

Par ce temps merdique pourtant crucial
Pour la rééducation de ce monde infantil,
J'aperçois notre aire, qui se détend :
Nos rues se vident,
Nos familles se resserrent,
La vie se retisse dans sa forme la plus pure,

¹⁵ Carlile Max Dominique Cérilia nasceu em Petit-Goâve, Haiti. É poeta, escritor e estudante de Psicologia pela UNIFESP. Quando não lê ou escreve, anda. Observador, gosta de se misturar com as paisagens: as árvores, a paisagem, as pessoas, os animais. Atualmente, tem diversos projetos em andamento: poesia, contos e um romance que narra sua viagem ao Brasil.

Les sociétés reprennent force...
Une odeur d'émoi dans l'air.

Tant pis, si nous nous sentons ridicules
À l'intérieur de nos maisons.
Tant pis, si nous nous trouvons nuls
Au milieu de notre famille.

Tant pis, si l'économie du monde tortille,
En attendant notre convalescence.
Tant pis, si les prétentieux de ce monde
Boudent nos petites vacances anticipées.

Notre temps perd son pied.
C'est le recueillement qu'il nous faut,
Pour renégocier notre avenir...

//

Nós, por nós¹⁶

Nesse tempo pesado em que o tempo é palpável
Precisamos acertar os ponteiros.

A vida não passa de uma corrida de gestos
Entre os quais se desenha nosso futuro
Na margem em branco do infinito

¹⁶ Tradução por Nathalie Dessartre.

Essa sombra precisou nos impor
Frear a fábrica de besteiras.
Essa coisa extrema precisou
Vir mandar os nossos Estados, fazer,
O que estavam determinados a não fazer.
A paz com a vida.

Nesse tempo de merda porém crucial
Para a reeducação desse mundo infantil,
Percebo nosso espaço que se estende:
Nossas ruas se esvaziam,
Nossas famílias voltam a se aproximar,
A vida volta a se tecer em sua forma mais pura
As sociedades voltam a recuperar força...
Um cheiro de emoção no ar.

Azar, se nos sentimos ridículos
Dentro de casa.
Azar, se nos achamos um zero à esquerda
No meio da nossa família.

Azar, se a economia do mundo esperneia,
Na espera da nossa convalescência.
Azar, se os pretensiosos desse mundo
Ficam de mal com nossas pequenas férias antecipadas.

Nosso tempo fica desnorteado.
É de recolhimento que precisamos,
Para renegociar nosso futuro...

A Rolha

Danilo Corrêa¹⁷

Havia uma guerra de crenças, mas ninguém sabia decifrar que tipo de guerra se desenhava. Sabia-se que era mortal e que não tinha um fim tão previsível. Os dias já se estendiam como um cordão de água em fluxo constante. Todo dia tinha cara de domingo e, para alguns, eles assumiam trezentos e sessenta e cinco dias em vinte e quatro horas. A impaciência era, inevitavelmente, o carrasco dos boêmios. Léo ajeitara o seu estoque aos moldes de uma guerra infinita. Até gim, que não era a sua preferida, reservou para os momentos mais tensos. Utilizou das chamadas virtuais para se aproximar dos familiares e amigos. Para Lola, sua avó, exibiu um *Cabernet*. A vodca foi dedicada à Patrícia, sua antiga colega de trabalho e com quem teve um *affair* por anos. Já embriagado, não desistiu de sua festa particular e encontrou Rogério. Decidiram beber juntos. Léo voltou para o vinho, enquanto Rogério preferiu a cerveja. De um lado e de outro da tela, se divertiam com goles e jogos, além de revelações sinuosas sobre o medo e a aflição daqueles dias. A solidão era algo concreto para todos. Já não era mais somente uma escolha pessoal.

– O que vou tirar agora? – perguntou Rogério entusiasmado com o jogo de *strip-tease* que tinha proposto ao amigo. Léo não hesitou.

¹⁷ Danilo Corrêa é professor, ator e escritor. Atualmente, reside em São Carlos, SP, onde desenvolve seu doutorado em linguística e cultura popular. Atua na área do teatro, da literatura, e do ensino de português para estrangeiros.

– Tire a calça se tiver coragem.

Rogério riu. Achou que Léo estava levando a brincadeira muito a sério. Tomou mais um gole da cerveja já esquentada pelo clima e aproximou-se da câmera.

– O que quer fazer? Essa quarentena está nos deixando inusitados. É melhor não perder o juízo.

– Foi você quem começou. Estou tranquilo. Só quero aproveitar antes que seja tarde de mais – retrucou Léo tirando a camisa e levando a garrafa de vinho à boca como se encontrasse nela o falo de Dioniso. Rogério não segurou suas mãos e deixou que elas arremetessem a calça e a cueca ao mesmo tempo.

– Não é nada demais! Bebi tanto que está mole!

Léo calou-se. Não se movia diante da tela. O que se escutava era apenas a sua respiração ofegante em contraste com a gargalhada do amigo. – É lindo! – soltou num impulso como se lhe faltasse ar. – A sua fama é verdadeira, hein!

Rogério quis mudar de assunto, contudo Léo persistiu. – Nesses dias tudo é tão incerto que nos apegamos a qualquer coisa. Nunca te pedi nada. Você mandaria uma foto?

O rapaz completamente vestido tratou logo de cortar o clima. Jurou que Léo estava bêbado. Eram amigos há tanto tempo que não imaginou um dia chegar a tanta intimidade. Mas para que são as amizades?

A chamada foi encerrada como se os dois tivessem partido para algum velório local. Léo se recompôs aos poucos, ao mesmo tempo em que tirava do fundo do seu reto a rolha que horas antes servira para o gargalho da garrafa. A rolha alçada acompanhava o gozo de Léo. De repente, o celular se ilumina e uma foto paira

sobre a tela. Rogério não se conteve. Léo era um amigo leal e achou que poderia satisfazê-lo neste momento de incertezas. O que a foto desenhava era tão grande e dura que Léo a observou como se tivesse diante de uma obra secular. Uma segunda mensagem trazia uma esperança fortuita: “Não mostre pra ninguém. Estou confiando em você. Quem sabe um dia, Léo, eu o mostre pessoalmente. Se sobrevivermos, é claro!”

Num impulso, Léo abriu outra garrafa de vinho. Não conseguia pensar em mais nada. Ele tinha um foco muito bem definido. Ignorou até os noticiários exaltados que proclamavam o fim daquela guerra absurda e os estimados encontros pessoais que disputariam as manhãs, centímetro a centímetro, com os primeiros raios de sol.

E para ter contato precisa existir tato?

Erika Tayna Gonçalves Medeiros¹⁸

Eu me lembro de uma aula de dança que tive sobre a diferença entre contato e conexão, e como tudo que aprendo na dança eu aplico na vida... Isso me fez refletir sobre quando eu me conectava com alguém sem precisar tocar nela... Assim como me fez pensar quantos toques não são percebidos/recebidos, não reverberam na pessoa tocada.

De verdade, eu não acredito que o toque seja a maneira mais profunda, muito menos a única, de estar em contato, de se conectar ou de socializar com alguém.

Você alguma vez já tocou alguém com a sua conversa? Entraram em uma conexão incrível por meio de uma conversa profunda? Se sim, você consegue se lembrar de como se sentiu – como foi emocionalmente – e do quanto estava conectado(a) com a outra pessoa? Você se esqueceu do tempo, o assunto não acabava? Você não queria sair daquele estado...

Você alguma vez já tocou alguém com o seu olhar? Já olhou profundamente nos olhos de alguém? E por meio desse olhar entraram completamente um no outro. Você consegue se lembrar do que sentiu quando isso aconteceu?

¹⁸ Erika Tayna Gonçalves Medeiros é professora, escritora e criadora do Projeto Foz no Forró. Trabalha como professora de Língua Portuguesa. Escreve textos em sua rede social sobre suas próprias reflexões para compartilhar com as pessoas. E por ser apaixonada por dança, criou o Projeto, Foz no Forró, com o objetivo de divulgar e disseminar dança para as pessoas de modo leve, criativo e divertido.

Você já tocou alguém com uma ação comumente rara? Deixar um bombom na cama, um bilhete na geladeira, escrever um poema, fazer um desenho, uma ligação, um áudio dizendo o quanto essa pessoa é importante e especial para você? Se você já recebeu algo assim, consegue se lembrar de como se sentiu ao receber essa ação? Ficou um tempo fora do ar, surpreso(a), chocado(a)?

Então, será mesmo que o único ato capaz de gerar contato é o tato? E nesse período de isolamento, no qual o tato não é mais permitido, e nós humanos, sobretudo brasileiros, sentimos muita ausência, que excelente oportunidade de ampliar nossos modos de “contato”...

Março de dois mil e vinte

*Gabriel Nunes Mota*¹⁹

Não, eu não estou sozinho agora.
Há máquinas e fantasmas demais ao meu redor.
A todo momento vejo que fazem roda, que brincam e cantam,
Nesta casa que é mais deles do que minha.
Não, eu não estou sozinho agora.

Lá fora há alguém andando na rua.
Não sei quem ele é, e para onde vai. Mas penso
Que talvez ele não possa mais voltar pra casa,
Há pouca gente na rua e muitos fantasmas em casa.
Que ele fique bem.

Essa noite eu juntei forças
E saí de casa em pensamento.
Dei uma volta pelos arredores,
Fingindo que sentia o frio e o vento nas árvores.
Fui três ruas acima, caminhando entre lembranças e ideias
De como o mundo estava no mês passado.
Vi que não estava sozinho na rua.

As pessoas, a rua e o contágio: perdidos no mês de março
Ao final dessa década tudo isso vai passar.

¹⁹ Gabriel Nunes Mota, 25 anos, é mineiro e estudante de História, é também escritor, ator do grupo Prelúdio da Unesp Franca e tem um fraco por jogos de mesa e carteados. Mora há cinco anos na terra do Capim Mimoso.

É preciso aceitar a gestação do tempo presente:
No ventre da eternidade ele cresce, e logo virá ao mundo.
Esse é o ciclo das coisas e dos seres, afinal.

Quarentena

*Guilherme Silva*²⁰

A brincadeira mortal,
A audácia covarde
Do presidente,
Do patrão
Que não poupa o ego.

E ao trabalhador que necessita
É negada a princípio
O afastamento de seu trabalho,
Mesmo com patrão vindo do exterior
Trazendo como generoso presente o vírus.

A realidade mórbida
Impõe suas pausas, suas medidas,
As silentes e isoladas ruas
Mas na qual a questão de classe ainda persiste
Em oprimir o trabalhador em sua realidade crua.

Dois casos de risco,
Um deles resulta em morte.

²⁰ Guilherme Silva, nasceu em 2000, começou a escrever aos 15 anos aproximadamente e teve sua primeira publicação em 2017, o livro de poesias *Com a cabeça na Lua e as estrelas na mochila*. Em 2018, participou da coletânea *Ao vento que sopra*, zine publicado pela Artefato Edições. Atualmente, cursa Serviço Social.

Dois pacientes,
Um pobre e um rico.
Dizer qual está morto é preciso?

Cenário pré-apocalíptico,
Enquanto vemos caminhões de mortos
(Ainda?) Em outros países.
O cenário é lúgubre,
O poema é silencioso.

Não há sarau,
Não há mais ato público nas ruas,
Mas que lutemos e cuidemos para que haja tempo e ciência,
E lutemos por reflexão e consciência de classe,
Para que possa o ser (in)surgir após a quarentena!

21/03/2020

Circo

*Isabela Lovato*²¹

Ao longe se ouviam as notas do acordeão e o farfalhar das saias que se amassavam como folhas caídas. Ruidosas também as luzes que piscavam desesperadas em painéis de letras grossas.

Vagava perdido o olhar pueril, buscando refúgio no caos. Pequenos pés rumavam ao desconhecido, descortinado súbita e violentamente pelo tecido vermelho. Falsa profeta esperava sem surpresa por detrás do globo, emanando um odor violeta inebriante.

Ensurdecedoras as palavras que caíam de sua boca e enchiam o ambiente, vinham trôpegas e sufocantes como fumaça de cigarro. Novas aventuras e promessas pegajosas descolavam das cartas, seguradas pelas unhas ovaladas que arranharam-lhe na ânsia da fuga.

Senhoras e senhores esbarravam-se, dando asas às pipocas. As bochechas crepitavam vermelhas, incêndio apagado pela água dos olhos, que tremulavam faces deformadas e próximas demais. Próximo também o destino, agarrou-lhe a mão e se fez escuridão.

Silêncio. Um brilho fraco reluzindo no entorno. Se fez luz e olhos vermelhos secos. Daqui e dali se encontraram, grandes, pequenos,

²¹ Isabela Lovato é uma apaixonada pelo mundo da arte. Eterna criança, nascida e criada em Curitiba, decidiu se dedicar profissionalmente à sua paixão em 2015, ingressando no curso Letras- Português/Inglês na UTF-PR. Hoje, mestranda na mesma instituição, continua compartilhando sua pululante imaginação através de seus textos e também de pinturas e desenhos. Vê graça em tudo e se delicia com coisas simples, como visitar seus avós e cultivar chuchus.

separados e juntos. O rosto redondo e infantil agora era alívio, segurando a mão envolta em bandagens, prestes a partir.

Poema pré-apocalíptico

Jefferson Dias²²

Há o medo: nosso pai

Treva gastrópode e

A carniçaria no apogeu o clarão dos incêndios

Os estouros dos obuses o desconsolo do gás asfíxiante

A selvageria dos modos mais civilizados de matar.

Crimes do século: tomamos parte em muitos e os achamos belos

Debaixo dos nossos edredons de sete palmos de terra.

(As pessoas estão menos livres

Não levam jornais – há papel mais higiênico mais terno –

Nem solettram o país – não sabem o que perderam –

Muitas jazem com um tiro na nuca.)

Galinhas em pânico

Giram taciturnas pelo centro da cidade

Atrás o rastro de muco

Sacam a faca sem ponta o punhal embotado e

O fantasma respira no porão

Galinhas em pânico

Carregamos atados às costas nossos féretros

Em nossas motocicletas ruidosas mais que o amor

²² Jefferson Dias, autor dos livros de poemas *Último festim* (Multifoco, 2013) e *Silenciosa maneira* (Medita, 2015, mediante ProAC). Tem poemas, contos, traduções e resenhas publicados em periódicos e portais de literatura do Brasil e de Portugal, tais como *euOnça* (editora Medita) *Caliban*, *Literatura & Fechadura*, *Germina*, *Ruído Manifesto*, *Ponto Virgulina*, *Torquato*, *TriploV* e *Gazeta de Poesia Inédita*. Ademais, trabalha na tradução do poema *Briggflatts*, de Basil Bunting.

Refulgentes mais que um marmitex.

(Estão abolidos os apertos de mão.)

Há o cheiro dos ossos como não houvessem mapas –

Nem sequer os ratos na praça,

Mas sim o eco: mais insólito que uma gentileza. .

No meio da rua como um pulmão

Galinhas em pânico rodopiam

Não são pessoas

Muitas apenas lamentam muitas já repousam

Com um tiro na nuca –

A civilização vai desabar sobre as cabeças

O fino talco o peido do palhaço

A civilização afinal.

De cima é possível escolher melhor

Quem morre quem não.

Há o medo: tão quentinho

E tiritamos: somos as caveiras sob os lençóis

Arrastamos nossas sombras de neônio

Voluteamos babélicos

Bravamente dirigimos nossos próprios táxis

Não há passageiros

E nem os ratos não morrem na calçada –

Talvez o tênue germe de uma pergunta

Interrompa o transe por um instante:

Como chegamos até aqui?

O tempo prolonga-se puro napalm:

Tubos de escape anunciam a quarentena

Visão pura do medo e do medo

Do medo.

A rua rui, mas as remessas não cessam de ser remetidas e

O urro retumba próximo como um cadafalso.

Diário da incredulidade. Diagnósticos e prognósticos

*João Paulo Andrade Dias*²³

27 de Março

Desde a divulgação da pesquisa do Atlas Político, um ar soturno pendeu sobre a política nacional. Qualquer analista de tino sabia o que os índices realmente significavam: a aceleração do esfacelamento programático do Pacto Constitucional, projeto de governo do bolsonarismo. Sob a imagem do líder escolhido, que encarna a vontade coletiva do “povo brasileiro”, jamais Bolsonaro havia pisado oficialmente no Palácio do Planalto. No último dia 24, essa imagem saiu diretamente dos grupos de Whatsapp para então ser transmitida em cadeia nacional no Pronunciamento do Presidente da República. A imprensa brasileira – very polite – enxergou apenas um “comportamento errático”.

03 de Abril

Não há nenhuma novidade quando se diz que Bolsonaro preenche todos os requisitos de um líder populista de extrema direita. As instituições brasileiras – checks and balances – têm-lhe mantido dentro dos limites democráticos, obrigado o presidente a retratações, se não por força da lei, ao menos por força do comitê de ética. Mas esse jogo de morde e assopra, em que Bolsonaro move suas peças engenhosamente, talvez esteja perto do fim. Na última

²³ João Paulo Andrade Dias nasceu e cresceu no interior. Estuda Filosofia e pratica outras inutilidades. Gosta de escrever sobre arte e política.

quinta-feira (02), a live do presidente deu todos os sinais de que Bolsonaro está disposto a radicalizar a ruptura institucional. Seu instrumento: o caos social produzido por um Estado suicida, que ao mesmo tempo abandona e joga seu povo contra si mesmo. Há dois anos, Mourão comentava a possibilidade de um autogolpe.

10 de Abril

Em seu último pronunciamento (08), pela segunda vez Bolsonaro distorceu o texto da OMS. “Cada país tem suas particularidades.” A frase de Tedros Adhanom, que em nada sugere uma “flexibilização do isolamento” por motivos econômicos, há dias já circulava nas redes sociais bolsonaristas. Aos poucos, Mandetta dá sinais de enfraquecimento. Na verdade, ele já negocia politicamente algo que, no tocante à ciência, rigorosamente não se barganha. O cenário próximo se desdobrará no prolongamento da disputa judicial em torno do Pacto Federativo: em breve, os governadores terão de desobedecer não apenas ao Presidente, mas também ao Ministério da Saúde. A matéria deverá orbitar o globalismo.

O Amor

Joelma Sílvia de Sousa Rodrigues Santos²⁴

O Amor é o alimento que sacia a fome da alma,
corre pelas veias reanimando a vida.
É o sorriso, enquanto o coração geme de dor.
É a força em cada passo, quando o corpo treme para
vacilar e os pés já não suportam o peso da tribulação.
É o olhar firme rumo à escuridão que
se lançou no caminho.
É a certeza de que o sol não deixa de brilhar até mesmo à
noite, pois a lua reflete seu esplendor.
É o silêncio do acolhimento, porque nada consegue
Expressar tamanho sentimento.
É o conforto na angústia;
O amparo na fraqueza;
A presença na solidão;
E a confiança na incerteza.
O Amor é a fé mergulhada no impossível.
A fé e a paz naquilo que não vejo e que não posso realizar
por mim mesma, mas que acredito.
A paz é a fé irrigada pelo Amor e este não se traduz em
Palavras, mas fundamenta em atitudes concretas.

²⁴ Joelma Sílvia de Sousa Rodrigues Santos, tem 43 anos. É mãe e profes-
sora na rede pública de ensino. Pós graduada em Psicopedagogia Clínica
e Institucional e em Educação Especial Inclusiva com Ênfase em Tecnolo-
gia Assistiva e Comunicação Alternativa. A leitura faz parte da sua rotina
e através da escrita de textos tenta levar um novo significado à vida, pois
o autoconhecimento cura.

O Amor é DEUS!

Eu, sua imagem e semelhança, por isso todo e qualquer gesto de amor não é mérito meu, mas reflexos da sua misericórdia infinita por nós.

Deixe-se amar pelo o Amor e leve-o para onde for.

A vida é feita de desafios

que nos são apresentados todos os dias.

Se encararmos ou não, isso depende não só de nós, mas de vários fatores que nos rodeiam.

O importante é ter a sensibilidade de percebê-los e a coragem de não fugir mesmo se pensamos que não podemos vencê-los.

Você tem a liberdade para pensar assim, mas não tem o poder de se afastar deles porque fazem parte da sua existência. Então:

Seja atento a cada passo teu.

Não desanimes se cair, levante.

Olhe sempre para o alto,

pois as nuvens do céu nunca são iguais.

Sorria mesmo que o seu coração esteja em prantos.

Reze, busque a DEUS e se não sentir vontade

ou achar que não és digno seja

simplesmente um ADORADOR,

porque este não precisa falar, cantar ou levantar os braços e nem ao menos que alguém o veja.

Ele só precisa reconhecer no mais íntimo do seu ser quem é esse DEUS e o que

ELE pode fazer.

Manual de sobrevivência à primeira semana de quarentena

*Kaio Phelipe*²⁵

Pegar promoção de cerveja e assistir shows online.

Ler romances que sempre adiamos ou maratonar os filmes do Babenco.

Escutar todo dia às oito horas vizinhos na varanda cantando músicas que o presidente não gosta.

Estreitar amizades por vídeo chamada e preservar pela vida dos mais velhos.

Ficar atento aos noticiários e não sair pra rua.

Torcer e contribuir pra que ninguém mais adoença.

Acabar com as territorializações.

Unir continentes.

²⁵ Kaio Phelipe vive na conexão Realengo - Engenho Novo, zona oeste e zona norte do Rio de Janeiro. É aluno do IFRJ, comissário de voo e militante LGBT, tendo contribuído com a CDB - Casa de Direitos da Baixa e com o GPV - Grupo Pela Vidda RJ. Seu primeiro livro de contos, *Como cuidar de um girassol*, foi publicado pela Editora Patuá e seu segundo livro, *Para o homem descansando ao meu lado*, será publicado em breve pela Editora Nua.

Cansada de estar em todo canto, mas não pertencer a lugar nenhum

*Kimberly Souza*²⁶

Quando posso, tento controlar meu choro, me dar motivos para não chorar. Hoje o choro veio livre, contra a minha vontade, maior que minha força de conter e por pura necessidade. Senti o nariz arder por dentro, o peito inflar, o rosto ficar vermelho e pronto. Choro. Tremi, senti medo, culpa, tentei conter a enchente, mas não teve jeito, o choro veio livre e ninguém seria capaz de segurar. Daí chorei por tudo: pânico, ódio, vazio, medo, incapacidade, saudade. Chorei como não chorava há tempos. Gosto de me olhar no espelho. Vi os olhos miúdos e caídos, cansados. Notei o rosto plácido, vencido. A testa, rija, chamando uma dor de cabeça. Olhei nos meus olhos. Chorei. Pensei na saudade, chorei. Pensei no ódio, senti e calei. Estou cansada de estar em todo canto, mas não pertencer a lugar nenhum. Chorei de solidão e continuei chorando. Ainda são 22h, sexto dia de isolamento.

²⁶ Kimberly Souza é uma jornalista cujo coração pertence à literatura. Sedenta por novos aprendizados e emocionada por natureza. Da redação de um jornal antigo à agência de criações publicitárias, busca sempre contar histórias e dar passos firmes rumo ao sonho de ser escritora. Falando nisso, é autora do livro *Quem Sois Vós*.

Glossário do fim

*Lara Duarte*²⁷

Apocalismo – Caos que sustenta o capitalismo. Entende-se por caos todo o tipo de desigualdade que estrutura a sociedade.

Afrontear – Inverter determinadas fronteiras políticas. *Ex: Mexicanos proibindo a entrada de Estadunidenses em seu território por conta do contágio.*

BrasilCorona – Estado de exceção; Pátria asséptica; Jejum viral; Doença de rico *versus* país de pobre.

Coronateu – Sujeito de bons costumes que diz não acreditar na pandemia e promove carreatas pelo fim do isolamento.

Casalteirice – Inversão da lógica casados *versus* solteiros. Só casais transam.

Divórciorona – Separação conjugal após intenso convívio na quarentena.

Democratização da morte - Agora todos temem a iminência.

Medicabulário – Hospitalização das conversas, dos termos, e das sensações.

²⁷ Lara Duarte é bacharela em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, formada em Dramaturgia pela SP Escola de Teatro. Integrou o Teatro Base – Grupo de Pesquisa Sobre o Método da Atriz, como performer e dramaturga. Participou do Núcleo Experimental de Artes Cênicas do SESI. Dramaturgista e assistente de direção da peça “Stabat Mater”, direção de Janaína Leite. Atuou como atriz e assistente de dramaturgia na peça “Acúmulos”, com direção de Kênia Dias.

Mãometria - Técnica rigorosa de controle das mãos, impedindo o toque no rosto, cabelos, e superfícies coletivas.

Oxigênofobia – Medo de morrer através do ar.

Presidente - ?

Panelintar – O primeiro som identificável produzido por uma panela antes de formar o coro do panelaço.

Petiscagem – Capacidade advinda do isolamento, em que o sujeito faz um lanche ou come uma coisinha a qualquer hora do dia.

Printografia – Fotos de família ou de aniversário feitas através do print da tela.

Serviços de risco – Sujeitos condenados a continuarem trabalhando para que outros sujeitos fiquem em casa. *Ex: Entregadores, caixa de mercado, médicos, etc.*

Síndrome de centro – Quando um ou mais sujeitos, mesmo que diagnosticados com Covid-19, mantém o trabalho da empregada doméstica ou realizam viagens recreativas.

Vaziarra – Silêncio absoluto ao terminar uma vídeo-chamada e se perceber sozinho no ambiente.

Videocinação: Alucinação coletiva propondo a reposição das atividades cotidianas através do vídeo.

Vidorgia: Substituição de todas as relações afetivas por contatos via vídeo.

Fim - Circunstância que inaugura.

Mistério pandêmico para um corpo

Leo Thim²⁸

1. Revelam-se mil corpos. (*montanhas deles para incinerar*)
2. É um machado / corta o fio do fim / em seu umbigo / com a terra queimada / e o precipício.
3. Boatos de que foi descoberta a cura.
4. Senhor. Senhor. Ei. Em frente. (*aplau-so*). Em frente. Se parar é necessário rever seus passos. Senhor. Olhe por cima do ombro. Não dê seu telefone! Foi exatamente assim que começou. Não. Não há como. Em frente. Senhor? Em frente. Em frente. Meias. Passageiros. Senhor. Caíram. Não tenho. Em frente. Crianças com os pais! Senhor. Senhora. Se parar é necessário rever seus passos. Não toque no chão. Fale com seu filho “que não toque no chão”. Senhora. Em frente. O senhor em frente. Não me toque. Senhora? Não, não é possível. Em frente.



²⁸ Leo Thim é poeta, dramaturgo, ator/bailarino; atua na área do documento e subjetividade do corpo, passando pelas intersecções entre as rupturas de identidade fixa, do espaço, da montagem e o corpo em sua relação com a criação de colagens, imagens, espaços inter-mídias e identidades imaginadas. Possivelmente ele vá negar tudo isso se o encontrar ao vivo.

5. Lápide de Foucault: “Vós que estais vivos. Permaneçam”. (*Sugere-se aqui que o(a) atoriz dance vestido(a) de “sociedade disciplinar”*).

6. “Limpai vossos pés, pois eles caminharam na terra dos condenados. Limpai vossos rostos, pois ele carrega a verdade da cidade. Limpai vossas mãos, pois elas infectam a nota de dinheiro. Lavai vossas bocas, pois profanam a saúde.”

7. Boatos de que a cura era falsa.

8. Caminha em fila o Presidente; o Ministro da Saúde; o Príncipe; o Regente; o Secretário; a Bispa; o Cavaleiro; a Primeira Dama; o Ator; o Diretor de cinema; O Poeta; o Pintor; a Bailarina; O filho do oligarca; o Militar. Todos têm manchas no rosto. O médico morreu.



9. Boatos de que não há cura.

10. (*coletiva de imprensa com o cirurgião*): Artauld estava certo! Há no teatro, como na peste, algo de vitorioso e de vingativo ao mesmo tempo. Sente-se que esse incêndio espontâneo que a peste provoca por onde passa não é nada além de uma imensa liquidação. Uma espécie de exorcismo total que aperta a alma! Para apaziguar a peste que mata os corpos, seus deuses exigem em sua honra esses jogos cênicos. Dancem a morte. Mas dancem em casa.



11. Os pulmões desenfreadamente giram como um colapso vertiginoso. Ainda não há cura.

12. Os pulmões são uma máquina. A revolução pulmonar é chegada.



Paralisação do Mundo

Lorena Silva Gomes²⁹

Hoje, o mundo, toda humanidade está parada.
E pela primeira vez, em tantos anos,
está unida com um só propósito: salvar vidas!
Pela primeira vez, estamos todos sendo obrigados
a fazer o que fazemos todos os dias sem perceber:
manter distância!
E nos conectarmos, para que estejamos presentes
na vida uns dos outros.
Os dias tão corridos, os relógios tão rápidos,
os barulhos insurdecedores.
O acordar cedo e o almoçar rápido
estão se tornando motivos de saudade.
O “daqui a pouco eu vou”, “daqui a pouco eu faço”,
o “não posso hoje, deixa pra outro dia”,
estão com tempo de sobra para serem executados.
Porém, estamos proibidos.
A casa que você tanto desejava chegar todos os dias,
Sentindo-se cansado,
Hoje serve como muralha e proteção.
O vírus é realmente perigoso.
Chegou causando pavor,
Mas trouxe para humanidade um pouco mais de amor.

²⁹ Lorena Silva Gomes, 15 anos, mora na cidade Franca-SP. Estuda no Colégio Toulouse Lautrec e cursa o 1º ano do Ensino Médio. Ama escrever poesias.

Precisamos dele, precisamos da empatia para sobreviver.
Ele acordou a todos para um renascer.
Para ver se aprendemos, de uma vez por todas,
A dar valor nas pequenas coisas, e nos momentos.
Para aprendermos a lição de que cada um faz a diferença.
Quando uma parte para, o mundo não funciona.
Passe esse tempo refletindo e chegue a uma conclusão.
O vírus veio com tudo porque precisávamos de uma lição.
Quando falam que não sabemos do amanhã,
é porque não sabemos mesmo!
Se soubéssemos, não haveria ninguém com medo!
Nada é para sempre neste mundo.
Nós somos apenas instantes.
Por isso, faça a diferença hoje e não deixe pra depois.
O que está acontecendo é um choque de realidade,
E, após esse período,
Levante-se e acorde com toda a humanidade!
Mas veja, desta vez, viva de verdade!

Não ouse

*Luan Prais*³⁰

Nos deixaram por aqui. Mas sem saber como ficar. As portas se abaixaram sem eu entender o que realmente estava acontecendo. Você sabe o que está acontecendo? Será que realmente eu e você sabemos o que está acontecendo? Sem saber o que fazer, elegemos quem não liga para a vida. Para a vida do outro que realmente não pode parar a rotina. Elegemos, porque não vai adiantar explicar para o mundo que não fiz parte da maioria. Fajuta democracia. O Brasil elegeru! Claro que pesa menos por aqui. Assim como pesa pra eles, quando falamos da periferia.

Não ouse dizer que eu não quero trabalhar. Não ouse. Sei do meu privilégio. Hoje mandam eu ficar em casa e posso ficar. Talvez eu assinasse a carta. Não sei. Não estou falando das cartas de cobrança, essas não vão parar. O pobre não pode parar. Mas deveria. Na fila do pão, ou do SUS, é para nós que mais vai faltar. Falta empatia, falta dinheiro para a economia. Mas não falta medo em meio a pandemia. É o mundo que pede pra gente antissocializar. A saúde grita que não vai aguentar. Mas a gana só quer que ela se vira, mesmo com pouco investimento. E se não se virar, e se alguns corpos deitar. Paciência.

³⁰ Luan Prais nasceu em 4 de julho de 1993 na cidade de Bebedouro, SP. Graduado em Publicidade e Propaganda pelo IMESB-VC, e estudante de Letras da UNIVESP. Escreve, pois é uma das formas mais leves de se derrear para manter-se organizado. E ser melancólico e dramático escrevendo, parece ser mais aceitável, do que simplesmente falar.

Não ouse dizer que não quero trabalhar. Não ouse achar que em casa eu estou suave. Meu sofá não anda confortável. Parei de me entuchar de notícias, não por não ser relevante. Bom, depende de onde elas vem. Mas as que vem de fonte confiável, me atualiza, entretanto, me aterroriza. Não mais que essa falta de humanidade. Que morram os que tem mais idade.

Se a saudade existe, persiste

*Marcia Fernandes*³¹

Estou cansada de quase nada... Meu medo é virar uma autêntica dona de casa. Minha mãe se reviraria na cova; mas, pelo amor de Deus, nada contra as donas de casa. É que a pobre sempre trabalhou fora. E quando parou, morreu, coitada... Acho que foi de tristeza. Ela sempre disse: “Não seja dona de casa. Não há remuneração.” É que serviço de casa é muito cansativo, não acaba nunca. Por isso, nunca me ensinou; tive de aprender sozinha, na marra, na base do errando pra acertar depois. Que falta que ela me faz... Alguém, um dia, escreveu que “A saudade é um sino que tange na catedral do passado”. Eu achava tão sem sentido. Agora, não...

Aqui, com meus botões, um sol lindo lá fora, e eu sozinha, envelhecida, envilecida... Os dias passam, se arrastam; e eu aqui, sem nada, todos a minha volta, e eu sem ninguém. Um aparelho de TV que só traz desgraças e o número de mortos e infectados. “Mas, quem vai morrer são apenas os mais velhos.” E velho não serve pra nada mesmo. E ainda tem gente que acha que esse vírus é um desígnio de Deus. De Deus nada, dos diabos! Deus não tem nada com isso. Ele apenas faz a sua parte. Nós é que não fazemos a nossa. E pensar que, por causa do tal vírus as cidades estão mais

³¹ Marcia Fernandes é escritora e professora, formada em letras pela Universidade de Brasília. Nascida no Rio de Janeiro, imigrou para o interior de São Paulo na década de 80, onde estabeleceu raízes e permanece até hoje. Sua escrita tem tom memorialista onde a infância e o ambiente familiar são o alento de suas crônicas.

limpas, menos poluídas, os animais, antes expulsos, agora voltam; o ar está mais respirável e, talvez, até as pessoas possam estar mais sociáveis, mais humanas. As tarefas diárias, sempre enfadonhas, viraram motivos sérios e interessantes. O ir à padaria, ao açougue, ao supermercado tornou-se atrativo. Mais em época de menos...

Tantas boas lembranças em meio às más notícias... Ainda penso em minha mãe - Ela me ensinou que não devemos ter pena dos outros. Mas, ela sempre teve compaixão. Ela dava aos outros aquilo que era seu, e muito de si, sem que ninguém soubesse. Quando ela se foi, uma senhorinha disse-me: “Você nunca saberá o que esta mulher fez. Nem ela saberá, tampouco.” Hoje, eu sei da falta, da saudade imensa quando sinto o cheiro deles, de meus pais. Às vezes, na azáfama diária, sinto um odor característico de um ou outro; o cheiro forte de meu pai, o odor suave e quase imperceptível de minha mãe... Alguém muito crédulo, uma vez disse-me que são os espíritos deles a visitar-me.

4 abril de 2020

Casulo

*Maria Goretti Bernardes*³²

Mergulhado numa campânula de espelho
para não enxergar o mundo de fora
Tornou-se refém do seu casulo
E como a revés pode se tornar possível,
o espelho quebrou e levou as suas imagens
reversas
Desvelando a vida, fervilhando, incessante
e cheia de razões, para vivê-la

³² Maria Goretti Bernardes nasceu em Getulina, no estado de São Paulo. É Química, pós graduada pela Universidade Estadual de Maringá. Aposentada como docente pelo Estado do Paraná e atualmente exerce a arte da cerâmica. Escreve textos e poesias por inspiração.

Refluxo

Maria Goretti Bernardes

Atravessa a ponte frágil, pisando sobre o inseguro
determinada, segue sem voltar
Encontra então, a maré, incessante, agitada e invasora
mas resoluta, prossegue o seu rumo sem voltar
Embate a fúria de um tornado, fugaz, esmagadora
que deixa rastros, balança, quase destrói
mas implacável, segue sem voltar
Na frente, o muro que estava por vir
menor em tamanho, mas forte como o aço
interrompe a passada, impõe limites, e faz voltar
No ápice dessas tormentas, a ternura a acompanha
e enlaça, e dá força
E como num milagre, seus olhos presenciam
A calmaria do vento e o refluxo da maré
Revelando o trunfo do Divino
Mais forte que a maré, o tornado
E o muro da discórdia

Mobiliário

*Marília Botelho Soares Dutra Fernandes*³³

Eu penso que a se a vida fosse um seriado da Netflix a gente estaria agora lá pro 12 episódio de uma série meio chata. Na parte em que os protagonistas não fazem nada, a não ser reflexões sobre suas próprias vidas, coisa desinteressante pro enredo da história. Eu estou nesse episódio, vagando por essa casa cheia de coisas abandonadas e de suas lembranças. Tantas lembranças que algumas nem são minhas e que eu me encarrego de imaginar elas. Agora eu olho para os móveis como se eles fossem entidades com vida, seres que carregam memória celular. Olho a sala imaginando as histórias daqueles móveis. O primeiro que me chama atenção é o velho conhecido sofá! Um sofá cama preto descascado, reto e desconfortável, eu brincava nele quando era menina, ele tinha outra cor de estofado, era vermelho riscado de xadrez verde. Ele é uma lembrança tão antiga, que perpassa minha geração. Este móvel foi parte do mobiliário da casa dos meus avós em Brasília, minha mãe e meu tio brincavam nele. Hoje o sofá tem um estofado cinza, não é bonito como era antes, mas ainda está vivo e até que conservado pela idade, afinal, já faz uns 40 anos que ele se somou a onda migratória de várias regiões do país e veio parar nessa vila, no interior de São Paulo. Imagino que esse sofá viu muitos acontecimentos históricos, viu a construção de Brasília.

³³ Marília Botelho Soares Dutra Fernandes é natural de Palmeira d'Oeste, SP. Formada em letras pela UNESP, em Rio Preto, é escritora, jornalista e produtora cultural no Noroeste Paulista. A natureza, as mulheres e o clima de sua região são fontes de inspiração em sua escrita.

lia, o governo do João Goulart, a ditadura dos militares, depois viu o Collor, o plano real, viu FHC e na era Lula... ou por aí, mais ou menos, foi quando abandonaram ele aqui nessa casa de sítio. Ficou morando aqui sendo cama de cachorro, até que alguém lembrou-se de reformar ele, colocaram um tecido baratinho, nem pintaram os seus braços, mas mesmo assim ele tem sua glória: ocupa o centro da sala e é o único sofá da casa.

HAICAIS

*Murilo Petito Cavalcanti*³⁴

i.

A casa é o mundo
que se abre para dentro
e não permite fuga.

ii.

Jogar com o mundo
é errar as peças
do quebra-cabeça.

iii.

Keep me out that jazz
os beats afrobeats
e a cozinha mineira

iv.

Os discos giram & giram
habitam este corpo
— fora não existe mais.

³⁴ Murilo Petito Cavalcanti é Professor de Filosofia e Sociologia em Araraquara-SP. Graduado e mestrando em Ciências Sociais (Unesp Araraquara). Atualmente concentra suas atividades de pesquisa nos temas: cidades médias, sociabilidades urbanas, enclausuramento e distanciamento socioespacial, relações entre corpo e cidade. Ator formado pelo curso Técnico em Teatro (Senac Araraquara).

v.

Sinta o sopro e o ar
saem celestes
chegam solar.

me atinge

*Naiana Mussato Amorim*³⁵

dura mãe,
o que seria de nós
sem ti?

como cuidas de toda a gente
lançando os fios de Ariadne
pelos imensos labirintos
da vida
amparas o líquido abençoado
e o circulas
não para o Minotauro
mas ao seio sagitário

quem dera estar acima
da minha parte animal
e também poder lançar minha seta ao céu

qual zelo, mãe
és corona exata

³⁵ Naiana Mussato Amorim é apaixonada por jogos, imagens, lógicas, performances, palavras, investigações, enfim, por criação. Peregrina, ela fez doutorado em Literaturas Comparadas na Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestrado e graduação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tem um livro publicado pela Oficina Raquel, Deslumbramentos (2015) e hoje é colunista do jornal Gramado News.

quantas hemorragias não és capaz
de evitar?

pia mãe
que envolve esse sistema superestimado
eu te pergunto
qual impacto é capaz de nos atinar?
será uma questão de força?

[sem título]

*Nayen Tenani*³⁶

Sai para caminhar ao final do sol escaldante. Um vento na cara para desanuviar do dia fatigante de trabalho dentro de casa. O céu está limpo - não há nuvens nem aviões trafegando, apenas pássaros de todas as espécies. O azul é suave. O verde das árvores fica bonito sobre este pano de fundo. Enquanto se movimenta sem muita direção, vai de encontro com o vento que traz o cheiro de eucalipto vindo das plantações misturado com o de terra molhada de uma horta que fica por perto. Em estado quase meditativo, segue caminhando e se afogando nas ondas sensoriais provocadas pelo ambiente externo.

Seus pés rumaram para um ponto alto da cidade perto da saída para a rodovia, onde quase não há casas construídas e tem uma vista horizontal até onde o sol se põe. Coisa de cidades que se acabam na segunda marcha. Ali, também o ar parece mais puro e a vista mais bucólica. Senta à sombra ineficaz de uma árvore e observa o morrer lento do dia. Embora o céu estivesse banhado por cores vivas, a tristeza é capaz de subverter também as belas paisagens. Explosões em amarelo ocre, lilás e laranja de laranja madura emolduram um quadro de fazer chorar os olhos já dispostos às lágrimas. Observa tudo com a parcimônia de um corpo em decomposição.

³⁶ Nayen Tenani é uma latino-americana do interior de SP que adora sua cidadezinha, mas ama deixá-la. Escreve para entender e a fotografia ajuda a ver melhor. No mais, sempre está indo embora na busca pelo que é interessante.

Os carros não passam. Nem as carroças que eventualmente se vê. Tudo está em completa calma, exceto pela festa das cores no céu. Até mesmo seu eu parece quieto; talvez um tanto choramingante. Enquanto o sol segue para sua derrota diária, lembra a quantos encerramentos sobrevivera até então e tantos outros que ainda estão por vir. Finalizam-se amizades, romances reais ou literários, cursos, planos e também vidas não vividas ou já longas o suficiente para acabar. Todo e qualquer final também encerra na gente alguma coisa misteriosa. Um dia voltaremos ao pó da terra, e este é o grand finale: o ponto de convergência de toda a vida. Ao contemplar o fim do mundo ao seu redor, suspira com os pulmões a contragosto e levanta para encarar a noite fria que se aproxima. Pensa o quanto será longa a caminhada de volta para casa.

Às vezes, ando pensando

*Nicola Lemos*³⁷

Às vezes ando
Pensando
Que às vezes ando
Sem pensar

Sem pensar
No quanto
Eu ando pensando
Sem andar

Às vezes
Penso eu andando
E pensando
No quanto

Eu ando
Às vezes.

³⁷ Nicola Lemos é estudante de Música Popular na Goldsmiths University of London, guitarrista e compositor nas bandas: Cohiba e Masoko Kaya.

Na quarentena, adote uma criança!

*Paula Coury*³⁸

É quarentena, as pessoas se isolam e as crianças ficam loucas trancadas em casa. Choram, gritam, esperneiam.

Na verdade, não é de hoje que essas crianças estão por aí, abandonadas. Já estavam pedindo atenção há muito tempo, mas com o barulho e a correria do dia a dia era fácil ignorá-las.

Agora a pandemia nos força a parar. Faz tudo silenciar e o barulho dessas crianças abandonadas se torna ensurdecedor. E parece que não tem ninguém ali para cuidá-las. E agora, quem poderá nos defender?

Não, nada de Chapolim Colorado, nem de outro herói mais moderno. Nada de olhar para fora em busca de soluções, quando a resposta que realmente importa está dentro de nós.

Que tal aproveitar que o mundo parou e você não pode descer para escutar o que a sua criança abandonada vem tentando te dizer? Se você ainda não o fez, essa é uma oportunidade incrível para cuidar da criança que mora dentro de você e aprender muito com ela!

³⁸ Paula Coury é mineira, que já quis ser do mundo, até que escolheu ser de si mesma. Amante de viagens, certa vez viajou para dentro de si e foi um caminho sem volta. Contadora de histórias, tem por missão compartilhar suas descobertas e, quem sabe assim, motivar você a empreender uma viagem dessas também! Bora?!

É, aquela criança que você foi um dia... que era feliz, que se encantava facilmente até com o mais simples da vida, que era criativa e conseguia se divertir com qualquer coisa. É, essa mesma criança que também foi ferida. Que por circunstâncias reais ou por sua interpretação infantil não recebeu todo o amor que desejava. Que se sentiu abandonada e rejeitada. Que achou que não era boa o suficiente. Que acreditou que seus cuidadores eram divinos e se machucou ao tropeçar em sua humanidade, suas limitações.

É, essa criança que está sempre aí do seu lado. Que muitas vezes faz birra, esbraveja, chora desconsolada. E que você, adulto que é hoje, tenta silenciar, sem nem se preocupar em entender o porquê dessas reações desproporcionais.

Sei que é difícil achar espaço na agenda entre tantas preocupações de adulto para ouvir o que a sua criança está tentando lhe dizer. Para acolhê-la e acalmá-la. Para mostrar que ela não está mais sozinha, pois há um adulto que a protege: você!

Mas já imaginou passar todo esse período de quarentena com uma criança gritando e chorando dentro da sua casa? Desesperador, não é? E passar toda a sua vida com essa criança gritando e chorando dentro de você?

A situação que estamos vivendo é difícil de maneiras que ainda não conseguimos nomear ou mesmo imaginar. Mas ela será impossível se não dermos ouvidos aos gritos da criança ferida em nós. É dela que vem parte do desespero que estamos sentindo nesse momento. E é essa parcela de preocupação que está em nossas mãos mitigar. A preocupação decorrente dos fatos não. A parte desproporcional, sim.

Não deixe a sua criança ferida sozinha nesse momento tão difícil. Cuide dela. Mostre a ela que já não importa quão difíceis

tenham sido as experiências pelas quais ela passou, pois, de agora em diante, ela estará bem cuidada e acolhida pelo adulto que você se tornou.

Aproveite o isolamento social forçado para se reconectar com você mesmo. Inclusive com as partes que mais doem e assustam.

Na quarentena, adote uma criança: a sua! Só assim será possível saborear a solidão, ao invés de sofrer com a solidão!

A Fonte

Rodrigo Luiz UF³⁹

Quando o poço seco entorna
Rachaduras em minha boca
Resguardo-me num silêncio profundo
Esperando as palavras úmidas

Mas a cilada do verbo
Enlaça-me o peito em desacordo
E a sentença declamada vacila
Na segura dos caracteres

Distante da cantoria das águas
O eco assusta-me em ira branda.
Volta e meia escarro e até cuspo
Incontáveis palavreados ocos

Caído num estreito de signos
Retorço-me como um animal afoito
A espreitar a fresta escondida
Pela qual escorre tenra a poesia

³⁹ Rodrigo Luiz UF nasceu em Foz de Iguaçu em 1983 e atualmente reside em Curitiba. É formado em Acupuntura. Dedicar parte do seu tempo com estudos literários e a outra na área da saúde. Seu interesse pela literatura e poesia veio ainda na adolescência e o tem acompanhado em todos os momentos de sua vida.

Refúgio

Rodrigo Luiz Ul

Quando a tua alma se esgueira
Na borda do meu vazio
O tempo recolhe-se surdo
Remoendo ânsias furtivas

Quisera apreender o incompreensível
Em meio a tonalidades vívidas
Mas o sopro repentino
Dilata o desejo não atendido

E a sombra de um possível amanhecer
Comove-me em devaneios espirais
Sabendo do desfecho
Que a raiz guarda no seio

Busco refúgio das intempéries
Entrelaço-me na língua dos sábios
E lá caio distenso, absorto
Como se estivesse na mera meninice

Noite

*Tiago Goes Cardoso*⁴⁰

Quando a noite revela que há estrelas sobre minha cabeça,
quando adentro sua expressão e penso — falo estrelas.
Frio... Arrepiam-me a presença desse estar azul
e escuro e brilhante;
fecho os olhos e sou o permanente instante.
E agora soturno, brinco com dúvidas
e perco minha substância cotidiana.
Distante dos passos que se chutam na comunhão,
da vaga que tudo absorve, conjuro.
Que esse corpo, que esse eu, essa identidade, esse etcetera,
permaneçam na doçura do nada, nesse floco inominado
que é noite e fleuma,
e húmus e toda a flora desse caos.

E assim passa, esse átimo...
Aspirar para o avesso do mundo e já não ser.
Frio... Mais uma vez a olhar o chão
— pés sedentos por voar, tal Hermes.
Mas sou memória, carnadura do que é e já foi,
habitante do sem caminho, do sem volta.

⁴⁰ Tiago Goes Cardoso nasceu em Curitiba em 1985, onde reside atualmente. É graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Escreve poesia e contos, possui trabalhos publicados no Jornal Boca do Inferno e no Jornal Cicutá, ambos publicados por estudantes da UFPR.

E miro cem vezes os pontos que brilham
na redoma profunda da ancestralidade,
e só sei sentir que sou aquém,
que há sempre um horizonte distante, deserto de miragens.
E me coloco na cópia dessas miragens, as preservo, cultivo.
Inscrevo na parede branca dos teus olhos
e dou movimento à tua língua;
minhas moedas de troca, que se repetem,
tal espelho — esse corpo, esse eu, essa identidade, esse etcetera,
esse outro que pergunta:
Estará nublado amanhã?
(Pois esse corpo quer cantar estrelas)

Poesia do tempo [ou tempo da poesia]

*Trinity Sorroche Ribeiro*⁴¹

Um dia me perguntaram: qual é a poesia do tempo?

Pra mim, a poesia do tempo é que o tempo passa, mas nem todos os dias são poesia. Tem dias que poderiam nunca ter sido escritos, e tem dias que você leria de novo.

Mas afinal, qual é o tempo da poesia?

A poesia que escrevemos parece ter acabado cedo demais, enquanto as outras poesias que eu vivi antes, acabaram tarde demais. Talvez isso tenha sido culpa minha, talvez tenha sido culpa das minhas cicatrizes, mas a responsabilidade ainda era minha, e essa poesia teve um final tão incerto, sem explicações, como um livro que termina e deixa a seu critério decidir o que acontece com o personagem principal.

Eu criei essas fendas no tempo, esses buracos entre as palavras enquanto o tempo passa e não me deixa acompanhar. Fazem meses que eu estou com essa maquiagem borrada, que eu coloco esse vestido cheio de poesias, mas desgastado com o tempo, nas madrugadas em que eu sinto que as poesias já não fazem mais sentido.

Eu escuto as músicas, me concentro em suas letras, e me perco... a cada dia uma nova interpretação de uma poesia que não é mais escrita por mim, e de um tempo que não é mais meu...

⁴¹ Trinity Sorroche Ribeiro, mais conhecida como Mity Ribeiro, é residente da cidade de Franca, SP, atriz formada pelo Senac Franca e cantora.

Zedeque

*Vander André Araújo*⁴²

Há uma casa fechada aqui do lado, com um vizinho trancado dentro. Sob cadeado, seu portão lacrado lhe deixa ensimesmado. É uma casa pequena, simples, com telhado triangular, duas janelas voltadas para a avenida, pintada com cores sóbrias e assépticas. O dono tem um nome estranho, os outros costumam a repetir-lhe a graça, no máximo emitem um gutural Zedeque e acham graça nisso. Suspeitam que o motivo de se encontrar ali, confinado, fora o diagnóstico positivo da doença. Desde então, ninguém mais o vê, ninguém mais o ouve, nem mesmo a sua tosse frequente. Mas, especulam. Contam estoques, calculam provisões. Semana passada, o acompanharam, no sistema interno de vídeo, com a feição preocupada, cartão de débito com a senha anotada, fazendo as compras no supermercado fidelis: alguns pacotes de arroz, açúcar, macarrão e feijão. Também levou alguns litros de óleo e, é claro, os últimos álcool em gel e papel higiênico que ainda restavam na prateleira daquela meca do consumo do cerrado.

Esposa, filhos, sobrinhos, não aparecem por aqui há muitos meses, não lhe fazem visitas e também ficamos sem saber se ele re-

⁴² Vander André Araújo nasceu em Bom Despacho, no centro-oeste de Minas Gerais, em março de 1971. No Banco do Brasil, iniciou a sua profissão como menor aprendiz e por quase trinta e cinco anos, exerceu funções de gestão na Empresa e Gerente do CCBB em Belo Horizonte, além de educador da Universidade Corporativa BB. É Bacharel em Direito, especialista nas áreas de Gestão Empresarial, Adm. Mercadológica, com MBA em Gestão do Desenvolvimento Regional Sustentável, atualmente cursa a Graduação em Filosofia na UFMG.

almente ainda tem esses parentes. Ou, quem sabe, se eles moram longe, lá na capital, sem condições de pegar o ônibus da santamaria e aqui chegarem, ou já morreram, ou que Zedeque os vê, no seu canto escondido, por videoconferência, naquele smartphone com pouca bateria. Era divertido observar, naquelas noites em que vinha até o seu alpendre, na busca por um melhor sinal de wi-fi, a sua insistência no touch screen, superando o estranhamento inicial e o desafio do conflito de gerações, adaptando-se às novas formas de comunicação, dominando o seu novo aparelho, tornando-se mais um funcionário desta parafernália dos tempos em que estamos próximos, porém distantes.

O que se dizia mesmo sobre ele era que sempre fora um eremita e que agora, condenado ao isolamento social, por causa da sua idade e por se enquadrar no grupo de risco, de pessoas com vulnerabilidade, era como trocar seis por meia dúzia. Entre ficar sozinho e ficar confinado, desconectado do mundo aqui fora, pouca diferença havia de fazer.

Dono de um cargo público, estabeleceu com a repartição o seu laço conjugal, disciplinar, durante décadas cumpriu todas as regras, horários, exerceu a função de forma exemplar. Roupa impecável, crachá na altura do peito, nenhuma mancha na sua ficha funcional, nem um simples processo administrativo. Ausências, nem mesmo por luto. Diarreias e dores de cabeça não constavam do seu histórico de ausências. Não sabia o que vinha a ser atestado médico. Há placas de homenagem aos montes na sua cristaleira repleta de condecorações e vinhos do natal do século passado, recebidos em troca de favores no serviço público, e nunca degustados, por falta de ocasião própria.

Agora, ele se encontra ali, trancado, enquadrado numa estatística crescente, exponencial. Não quer contribuir para o aumento da

pandemia, precavém-se, isola-se, segue à risca as medidas sanitárias prescritas. E está só e preocupado. Não quer partir. Sonha com dias melhores, faz planos, acompanha o desenrolar da situação com o noticiário.

Na rua, um andarilho está solto, sem-teto, a andar a esmo, livre, alheio e virtuoso, sentindo-se vitorioso ante a desgraça que dizem andar à solta. Pede comida, ou um café, diz estar vindo de longe e sem dinheiro para voltar. Segue seu rumo, é um wanderlust.

Pieter Bruegel

*Victor Prado*⁴³

*A morte triunfa, mas os amantes
ainda se beijam*

O desejo é um campo mórfico

⁴³ Victor Prado é mamífero.

Artefato Edições

rua dos uirapurus, 187
jardim primavera 14404 030
franca sp
brasil

[+55] 16 981 895 764

www.artefato.art.br / conjuntoartefato@gmail.com

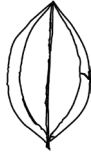
comissão editorial // lígia sene & victor prado
assistência editorial // gabriel galbiatti nunes & nayen tenani
capa // camila souza

Respeitando as variantes do português, a coordenação editorial decidiu manter a grafia original de cada texto, segundo a escolha da/o respectiva/o autor/a e tradutor/a.

habitat // franca, sp: artefato edições, 2020. 96 p. ; A5.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira.

CDD B869.8



HABITAT é nossa publicação digital / emergencial / gratuita / de periodicidade indefinida. Ela se utiliza da Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

edição 01 / abril / 2020



artefato.art.br